

VIVÊNCIAS DE METALÚRGICOS DURANTE O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS¹

Mônica Xavier de Medeiros

Resumo: Esta pesquisa pretende analisar como trabalhadores metalúrgicos em São José dos Campos vivenciaram e, através de suas experiências, interpretaram as transformações que ocorreram tanto na cidade (com o processo de urbanização) como no trabalho (com o processo de industrialização e reestruturação da produção) a partir da década de 70 até os dias de hoje. Dialogando com as narrativas orais de trabalhadores metalúrgicos que viveram e vivem este processo, percebemos como estes significam as mudanças que ocorreram nos seus modos de vida e trabalho na cidade.

Palavras-Chave: Reestruturação Produtiva; Urbanização; Metalúrgicos.

Abstract: This research aims at analysing how metallurgy workers in São José dos Campos perceived and, through their experiences, interpreted changes happening in the city (along with urbanization process) as well as in their work (along with industrialization and production restructure process) from the seventies until today. By connecting to oral narratives of metallurgy workers who lived and live this process, we understand how they interpret changes to their way of life and work in the city.

Key Words: metallurgy; urbanization; industrialization;

Vivências de metalúrgicos durante o processo de reestruturação produtiva na cidade de São José dos Campos-SP².

Mônica Xavier de Medeiros
(Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia.
Email:monicaxavierm@yahoo.com.br)

Este artigo analisa o processo de ‘reestruturação produtiva’ nas indústrias metalúrgicas da cidade de São José dos Campos a partir das narrativas de trabalhadores que vivenciaram e vivenciam este processo no dia-a-dia nas fábricas. É importante ressaltar que a reestruturação da produção é analisada aqui enquanto processo e não enquanto fenômeno. Por processo entendo um período de transformações e não de

¹ Este artigo foi desenvolvido a partir das reflexões elaboradas na realização da minha dissertação de mestrado intitulada: “*Bom mesmo é ser metalúrgico*”: *Vivências de trabalhadores metalúrgicos na cidade de São José dos Campos – SP*. Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2006.

² Este artigo foi desenvolvido a partir das reflexões elaboradas na realização da minha dissertação de mestrado intitulada: “*Bom mesmo é ser metalúrgico*”: *Vivências de trabalhadores metalúrgicos na cidade de São José dos Campos – SP*. Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2006, feita sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida.

rupturas. Assim, a introdução de novas tecnologias e modos de gerenciamento nas fábricas engendrou outros viveres e novas disputas na vida e no trabalho de metalúrgicos.

O sentido da ‘modernização’ e da reestruturação da produção fabril pretende cunhar um sentido para história da cidade de São José dos Campos de progresso, de desenvolvimento e de integração privilegiada nos mercados nacional e internacional, enfim de inserção na ‘sociedade globalizada’. Porém, na análise de narrativas, que os trabalhadores constroem sobre seus enredos de vida, emergem outras relações e vivências deste período, que disputam os significados e os sentidos destas mudanças.

Dialogando com trabalhadores metalúrgicos, analiso como estes expressam e significam estes tempos de profundas transformações em seus modos de vida e trabalho.

Assim, são abordadas as ações destes trabalhadores tanto no espaço fabril, de trabalho, como no seu local de moradia, nos bairros. Acredito que seria difícil proceder a uma análise onde estes locais de vivências de metalúrgicos não estivessem imbricados, pois assim estes se constituem no viver de trabalhadores.

As relações que são tecidas nos bairros populares, na família, no dia-a-dia das fábricas, a relação com o sindicato, com a chefia, com os colegas de trabalho, nos barzinhos, nas partidas de futebol, nas conversas em baixo das árvores na fábrica dimensionam o viver, as expectativas e as lutas destes trabalhadores metalúrgicos. A luta de classes não se realiza apenas no espaço de trabalho. Quando metalúrgicos organizam-se para reivindicar postos de saúde, linhas de ônibus para os bairros, ou mesmo quando participam de mutirões, realizam estas ações porque são trabalhadores/moradores que compartilham experiências para além dos portões das fábricas.

Situada no Vale do Paraíba, a cidade de São José dos Campos é um importante pólo industrial do Estado de São Paulo, não só metalúrgico, como também no setor da indústria química e petrolífera. Localiza-se num ponto estratégico, entre os dois maiores pólos industriais do país: Rio de Janeiro e São Paulo. São José conta com a Via Dutra e a R.F.F.S.A (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima), muito importantes para o transporte de matéria-prima e escoamento das mercadorias produzidas pelas indústrias da região.

A partir da década de 50, houve um processo de industrialização muito forte, principalmente com a construção da Via Dutra. Assim, várias leis foram aprovadas para conceder isenção fiscal, doação de terrenos públicos e outras vantagens para as

indústrias que lá se instalaram. Esse projeto político-econômico combinou investimento estatal em infra-estrutura e abertura ao capital internacional. Em São José houve, então, um grande crescimento urbano acompanhado de uma forte migração de trabalhadores.

Com a industrialização e a forte migração para a cidade, houve um processo de crescimento urbano intenso. Novos bairros surgem e com isso, novas demandas por infra-estrutura, transporte, saúde e educação. As fábricas e os novos bairros vão instalar-se, principalmente, ao longo da Via Dutra. Assim, as relações vividas em São José por seus moradores não vão mais se dar apenas no centro ou no bairro mais antigo da cidade (bairro de Santana). As pensões, que antes serviam para abrigar turistas ou as famílias daqueles que se tratavam na cidade de doenças pulmonares (a cidade tinha inúmeros sanatórios para pessoas com tuberculose³) vão abrigar, agora, principalmente os trabalhadores migrantes.

Associado ao processo de migração de trabalhadores à cidade de São José dos Campos e o conseqüente aumento populacional, ocorre uma reorganização dos espaços urbanos dos quais emergem múltiplas vivências, não só dos antigos moradores de bairros agora em profunda transformação, mas destes novos moradores/trabalhadores que vêm para SJC e que lutam para conquistar e construir seus espaços.

Até inícios da década de 50 os moradores de São José dos Campos vivenciavam suas relações ao longo do eixo ferroviário da RFFSA (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima⁴), na região central e no Bairro de Santana. Este é o período da chamada Fase Sanatorial. Poucas indústrias operavam na cidade, entre elas temos a fábrica de louças Santo Eugênio (fundada em 1921) na Avenida Nelson D'Ávila, a tecelagem Parahyba e a Rhodosa/Rhodia (fundadas respectivamente em 1925 e 1946, ambas localizadas no Bairro de Santana). Com a construção da Via Dutra⁵ em 1951 e a política de atração de empresas multinacionais para a região do Vale do Paraíba (a General Motors vem para São José dos Campos nesse período), inicia-se o processo de

³ Devido ao suposto “clima temperado” foram construídos inúmeros sanatórios na cidade de São José dos Campos para o tratamento de pessoas com tuberculose e outros problemas respiratórios. O sanatório Vicentina Aranha inaugurado em 1924 foi o maior do Brasil. Além deste, muitos outros surgiram como o Vila Samaritana, o Antoninho da Rocha e o Rui Dória. Muitos doentes vinham à SJC procurar tratamento e juntamente com suas famílias acabavam por começar uma nova vida na cidade. Com o processo de industrialização, muitas das pensões que antes abrigavam as famílias dos que vinham à procura de tratamento, passaram a abrigar também os trabalhadores que migravam para São José dos Campos. Muitos sanatórios, hoje, estão desativados e seus prédios são considerados patrimônio histórico.

⁴ Antiga Rede Ferroviária Central do Brasil.

⁵ A construção da Via Dutra, a disponibilidade de energia elétrica e a proximidade com as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo foram essenciais para o desenvolvimento de uma política de industrialização no Vale do Paraíba.

crescimento urbano e populacional, que vai ser mais acentuado na década de 70, quando são instaladas grandes indústrias como a Jonhson, EMBRAER, Engesa, Kodak e a refinaria da Petrobrás.

A construção da Via Dutra em 1951 redefine espaços de vivência na cidade. A lei de Zoneamento Urbano, juntamente com uma política de concessão de terrenos, serviços de preparação para a instalação de indústrias e isenção de impostos locais contribuíram para a construção das indústrias ao longo da Rodovia, assim novos bairros e loteamentos são criados à margem esquerda da Dutra para atender a demanda de operários por habitação. Nesta reorganização de espaços urbanos, o loteamento de fazendas dos latifundiários da cidade, transformou-se em um lucrativo negócio.

Neste processo, novos valores vão sendo engendrados, antigos moradores atribuem significados às novas atividades que vão surgindo numa situação de conflitos e disputas onde vão despontar-se outros modos de vida.

Nesta poesia de Cassiano Ricardo⁶, vemos como este poeta interpreta estes tempos de mudanças em São José dos Campos:

*Era em São José dos Campos
E quando caia a ponte
Eu passava o Paraíba
Numa vagarosa balsa
Como se dançasse valsa.
O horizonte estava perto.
A manhã não era falsa
Como a da cidade grande.
Tudo era um caminho aberto.
Era em São José dos Campos
No tempo em que não havia
Comunismo nem fascismo
Pra nos tirarem o sono
Só havia pirilampos*

⁶ Cassiano Ricardo nasceu em 1895 na cidade de São José dos Campos. Oriundo de uma família que perdeu riqueza e prestígio social com a ruína da economia cafeeira regional. Fez parte do Movimento Modernista de 1922. Juntamente com Plínio Salgado e Menotti Del Pichia formam os grupos “Verde-Amarelo” e o “Grupo da Anta”. Outras poesias: “Vamos Caçar papagaios” (1926) e “Martim Cererê” (1928).

Imitando o céu nos campos.

Tudo parecia certo.

O horizonte estava perto.

Os sujeitos vão criando outras estratégias, outros modos de vida para sobreviver na cidade industrial. O poema indica, inclusive, que o próprio ritmo de vida das pessoas foi modificado com o crescimento urbano, tornando-se mais acelerado. As relações sociais, também modificadas, acabam criando incertezas para os sujeitos em relação ao trabalho, a moradia (que vai encarecendo) e ao aumento da violência tornando, assim, “falsas” as “manhãs da cidade grande” como escreveu o poeta. Outra dimensão evidenciada, neste trecho do poema, quando ele coloca que não “havia comunismo nem fascismo para nos tirarem o sono” são as novas relações que são tecidas na cidade em virtude da industrialização. As relações de trabalho, antes ligadas às atividades rurais, passam a conviver com relações típicas de trabalho fabril, que incorporam mudanças de ritmo de trabalho, horários, turnos (inclusive o noturno, quase inexistente nas atividades rurais), a própria organização dos trabalhadores com o surgimento de greves, sindicatos, passeatas... Estas questões também tiram o sono do poeta, oriundo da oligarquia cafeeira joseense.

As expectativas dos sujeitos em relação à cidade também são geradas historicamente. Temos, então, como desejos dos trabalhadores/moradores, melhorias no setor de infra-estrutura da cidade – habitação, saúde, lazer, transporte coletivo, educação entre outros. Estas aspirações foram engendradas em tempos de surgimento de novos bairros e crescimento da cidade. As expectativas dos sujeitos em relação à cidade de São José dos Campos evidenciam os diferentes projetos disputados para a constituição do espaço urbano. Atualmente, a preocupação com o emprego perpassa os desejos destes moradores, pois o processo de reestruturação da produção, com o incremento de novas tecnologias, restringiu o mercado de trabalho na cidade. Na década de 90, cerca de vinte mil postos de trabalhos foram extintos nas indústrias.

Muitos trabalhadores que migraram para São José dos Campos eram oriundos de Minas Gerais, principalmente do sul de Minas, devido à existência de um parque industrial metalúrgico nesta região e de escolas profissionalizantes ligadas ao setor da metalurgia como o SENAI/SENAC. Os trabalhadores que vinham de Minas Gerais para São José dos Campos, geralmente o faziam porque tinham algum parente, amigo ou conhecido que já moravam na cidade, assim ficavam na casa destes por um tempo até

estabelecerem-se num emprego. Outros ficavam em pensões. Tinham a expectativa de arrumar rapidamente um serviço para que pudessem trazer suas famílias.

Muitos trabalhadores que chegavam em São José dos Campos traziam consigo, além da expectativa de conseguir emprego em uma fábrica, vontade de estudar. Destaca-se a iniciativa destes trabalhadores que além de cumprirem jornadas extenuantes nas indústrias, ainda encontravam tempo e disposição para terminar seus estudos. Muitos ainda não tinham o ginásio (hoje ensino fundamental) e fizeram o supletivo ou o MOBRAL⁷. Após concluírem seus estudos, procuravam o ensino técnico profissionalizante no SENAI ou nas próprias “escolinhas” das empresas. A EMBRAER é uma das indústrias que oferece a “escolinha” de qualificação para o trabalhador. Após a conclusão do curso nas escolas da empresa, o trabalhador ingressa na indústria. Atualmente, com o crescimento do número de faculdades particulares em São José dos Campos, um dos benefícios conquistados pelos trabalhadores metalúrgicos foi o de bolsas parciais em alguns cursos superiores, principalmente os ligados à área da produção na indústria.

Foi justamente nas aulas de português, no supletivo, que o metalúrgico João Roberto⁸ interessou-se por literatura, tendo atualmente dois livros publicados. Seu primeiro livro chama-se “Visto de Fora” e conta a história de Júlio, operário, vindo do interior para a cidade, onde arruma serviço numa grande fábrica. Toma contato com o comunismo, através de alguns estudantes, tornando-se militante. O enredo do livro é o dia-a-dia deste operário, suas dificuldades com o salário baixo, o relacionamento tenso no casamento, com a família e a participação em greves, assembleias e a organização do movimento operário internamente na fábrica. Deste livro emergem as estratégias criadas por Júlio para burlar a chefia e conseguir organizar o movimento juntamente com os companheiros da fábrica.

João Roberto além de trabalhar e estudar ainda escrevia, vencendo inúmeras dificuldades, como a falta de espaço em casa (por isso escrevia “trancado em seu fusquinha”)

⁷ O Movimento Brasileiro de Alfabetização - o MOBRAL - foi criado pelo governo militar com a Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967, propondo a alfabetização de jovens e adultos, visando "*conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida*".

⁸ **João Roberto Faria** trabalhou na zona rural em Minas Gerais até mudar-se para São Lourenço, onde trabalhou como garçom. Veio para São José dos Campos em 1966 e começou a trabalhar na Eriksson. Fez curso no Senai, entrou na Embraer. Paralelamente ao trabalho, cursou o Mobral e depois o supletivo. Já escreveu dois romances e está para publicar seu terceiro livro. É casado. Entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2005 em São José dos Campos.

(...) eu não sei se todas as fábricas é assim, mas é muito curioso, inclusive no meu primeiro livro fiz uma observação a esse respeito. O peão, o operário, o peão de fábrica ele tá ali trabalhando, mas ele tem... tem.... tem....inclinação para muita coisa, sabe, mas a necessidade força ele a tá ali dentro da fábrica, sabe? Empurra ele lá pra dentro, vem a mulher, vem os filhos, aquela sociedade (...) porque casar, depois vem a mulher e os filhos, o cara não tem condição de fazer mais nada, absolutamente nada, ele tem que enfiar a cara no serviço e ficar tipo um cavalo ali trabalhando, aquele trabalho que aliena, aquela coisa, sabe, que você não aprende nada com aquilo, aquele trabalho repetitivo, mas no fundo, no fundo, cada trabalhador cada peão, ele tem o seu lado, tá entendendo? Um é poeta, o outro é escritor, o outro é pintor, o outro é jornalista, o outro é locutor de rádio, a gente via isso dentro da fábrica entre os peão era impressionante, ali na Embraer tinha um cantor com disco gravado, tinha cantor, compositor, poeta, escritor, jornalistas, técnico de futebol, que no fim de semana apitava esses times de várzea, entende? Então era uma, uma, tinha aquele cara que desenhava, fazia umas pintura muito bonita e eu ____ ele me chamava às vezes, me mostrava os trabalhos dele pra mim, porque eu era um cara que tinha... era um pouco ligado à esta área artística, tinha um pouco desta sensibilidade, então ele gostava de.... os primeiros trabalhos dele tava no rascunho ainda ele João dá uma olhada pra mim, o que você acha disso aqui? Falou o que você acha disso aqui? Tinha um outro cara lá que fazia umas músicas, vinha trazer pra mim umas composições, fazia eu ir na casa dele.... então existe esta coisa do peão mas, infelizmente, coitados é uma coisa que a sociedade capitalista, ela passa por cima como máquina, ela aplastra sabe... os caras 99,9%..... eu acho que por causa disso que o homem, os trabalhador é um pouco puto, um pouco revoltado, frustrado até? Entendeu? Se você vivesse numa sociedade onde eles respeitassem isso, dessem oportunidade, nós poderíamos ter grandes talentos, grandes artistas, grandes atletas e até na área de produção o pessoal poderia tá produzindo maior.... mais, com mais satisfação você entendeu? Mas eles não respeitam isso eles tentam anular isso no Homem entendeu.... tentam rebentar com isso.... a sociedade em si capitalista como eu disse.... ela é....é....goza do cara sabe.....debocha do cara, como quem diz: olha cê tá louco rapaz? Isso não é pra você.... imagina isso é pra gênio (...)

Mesmo construindo uma imagem em sua fala em que ressalta as dificuldades do capitalismo, João Roberto se coloca como um sujeito que “perseguiu” seu sonho de escrever livros, vencendo para tanto vários obstáculos, inclusive a falta de confiança por parte das pessoas com quem mantinha relação na família e na fábrica. Ter escrito o livro, ter sua casa, ter dado educação para os filhos emerge de sua fala, durante a entrevista, como uma conquista das ações deste período.

o escritor escreve o que ele viu, o que ele sentiu, o que ele presenciou, o que ele viveu é o que ele escreve, então obviamente se eu tenho uma

vida voltada pro trabalho, pra fábrica.... pra política né... tenho uma, uma visão é na... um engajamento de esquerda, vamos dizer assim, isso vai transparecer no meu trabalho, não importa, seja o que for que eu vou escrever, se eu for escrever um romance, vai aparecer. No cotidiano dos personagens vai ter greve, vai ter... vai ter uns problemas do dia a dia do trabalhador né.... também seus sonhos seus delírios, seus amores, claro, porque o peão sonha também, né?

A narrativa de João Roberto evidencia que o metalúrgico é muito mais do que aquela pessoa que trabalha em determinado ramo industrial. “*O peão também sonha né*” expressa com profundidade que o trabalho, a família, os amigos, os sonhos constituem esses trabalhadores. E o metalúrgico tem orgulho de ser o que é. No primeiro trecho citado coloca que se houvessem condições teríamos mais pintores, artistas e até mesmo metalúrgicos satisfeitos com a atividade que desenvolvem. Aqui não se nega a condição de metalúrgico. Não se deseja ter outra profissão. Deseja-se, apenas, espaços, nos quais possam expressar-se. João Roberto quer condições para que todos possam sonhar e produzir da maneira que desejam.

Em entrevistas, com trabalhadores metalúrgicos, realizadas um pouco antes de uma reunião sobre o processo de Anistia Política⁹, vemos a luta pela sobrevivência sobressair, pois, diante de uma situação de perseguição política e início do processo de inovação tecnológica, que reduziu postos de trabalho, estes trabalhadores foram criando estratégias para permanecer/viver na cidade. Rui da Silva¹⁰ é mineiro e mesmo tendo sua família em Itajubá, continuou em São José dos Campos (mesmo depois de sua demissão da EMBRAER) realizando “bicos”. Neste trecho da entrevista perguntei porquê ele havia me falado que não “tinha confiança na democracia”:

... a perseguição é do mesmo jeito. A perseguição continua do mesmo jeito e na época militar eu tinha um trabalho para mim trabalhar, eu tinha um trabalho, eu trabalhei bastante tempo, depois da Ditadura eu trabalhei gato pingado e agora como diz... cheguei agora uma hora tá explicando uma questão, eu tenho 33 anos de contribuição, de contribuição já, e tem um processo nosso, não sei se a culpa é da

⁹Entrevistei metalúrgicos pertencentes a dois grupos de Anistia Política. Esses grupos reivindicam reconhecimento do Estado de que foram perseguidos durante a Ditadura Militar. Trata-se de trabalhadores que ao realizarem greves na EMBRAER em 1982 e na General Motors em 1985, além de terem sido demitidos, encontraram, após, inúmeras dificuldades de conseguirem outro emprego como metalúrgicos.

¹⁰ **Rui da Silva** estudou no SENAI/Itajubá/MG, fazendo o curso de torneiro mecânico. Em 1972, veio para São José dos Campos e foi trabalhar na EMBRAER como chapeador (ficou por 12 anos). Depois de ser demitido em 1984, por participar de uma greve, foi trabalhar na Avibrás (fábrica de armamentos, onde ficou por pouco tempo). Tem três filhos e quatro netos, sendo um filho também metalúrgico. No momento da entrevista, estava desempregado e não conseguia a aposentadoria por faltar o período de três anos de carteira assinada. Entrevista realizada no salão de assembléia do Sindicato dos Metalúrgicos em 23 de Julho de 2005.

anistia ai, eu não recebo nem da anistia, que não tem (...) e nem posso aposentar porque não completei 35 anos

Na luta por permanecer na cidade, Rui da Silva fez “bicos” para garantir o sustento, o que gerou outro problema compartilhado por muitos trabalhadores em um país onde mais da metade da força de trabalho está na “informalidade”: a impossibilidade de aposentar-se, devido à falta de recolhimento de contribuição ao INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social).

Com a experiência vivida na cidade, estes trabalhadores vão modificando suas idéias, opiniões e, inclusive, suas expectativas em relação a São José dos Campos, a cidade industrial onde se desejava “arrumar serviço”, estudar e daí criar suas raízes começa por não oferecer um número de vagas de trabalho suficientes para os que nela habitam. Outras preocupações são colocadas pelos trabalhadores, como em relação ao desemprego e a qualificação.

A primeira empresa que eu trabalhei a primeira que eu trabalhei foi a de fiação e tecelagem na ___ eu já comecei tendo atrito o meu chefe (...)

(...) ai depois trabalhei na primeira firma foi na Canedo, depois trabalhei na Eriksson, trabalhei na Eriksson trabalhei três meses ai sai por causa de atrito. Trabalhei duas semanas na GM, trabalhei mais um ano, trabalhei mais seis meses na Eaton, trabalhei um ano na Bundy e depois cai na Embraer

Pode ser considerado como uma estratégia as trocas constantes de empresas que estes trabalhadores faziam antes de firmar-se em uma única fábrica. A busca por melhores condições de trabalho e salário, além de um ambiente de respeito entre trabalhadores e chefia, eram almejados por metalúrgicos. A expressão “fui pego” pela empresa e, como no trecho da narrativa de Carlos Alberto¹¹, “caí” na EMBRAER indicam um momento onde conseguir emprego não era tão difícil.

Com o tempo os bairros construídos ao longo da Via Dutra para atender a demanda por moradia de operários foram valorizando-se comercialmente. Esses bairros começam a crescer, “espalhar-se”, surgem vários loteamentos de casas populares, bem como loteamentos clandestinos. Essa situação resulta que as casas dos operários começam a serem construídas longe dos seus locais de trabalho, gerando com isso,

¹¹ **Carlos Alberto** veio do nordeste para São José dos Campos, “sou de perto da cidade do Presidente”. Trabalhou em várias indústrias metalúrgicas até ser demitido em 84 da EMBRAER por participar de greve naquele ano. Para sobreviver realiza “bicos”. É músico, participa de projetos culturais na cidade ligados à esta área.

novas demandas por transportes, saúde, educação, segurança, iluminação e demais serviços necessários na estruturação de grandes bairros. Na coluna Dito Bronca¹², editada pelo Jornal do Sindicato dos Metalúrgicos, há a seguinte reclamação:

Philips Turismo S/A

Perder quatro horas dentro de um ônibus! É mole? Os companheiros da Philips estão enfrentando este calvário diariamente. Quem mora no Jardim Santa Inês e entra às 14h, pega o ônibus ao meio-dia. E aí começa o “passeio”. Novo Horizonte, Vila Tesouro, Vila Industrial, Jardim da Granja, Bosque, Morumbi... quem sai da fábrica às 22:00h, chega em casa depois da meia noite. Assim não dá, a Philips tem que colocar mais ônibus¹³

O crescimento destes bairros ao longo e à margem esquerda da Via Dutra, fez com que a rodovia se transformasse numa espécie de grande avenida, o que vem gerando vários acidentes de trânsito como atropelamentos. Neste sentido, a demanda por infra-estrutura soma-se à reivindicação pela construção de passarelas e trevos para a travessia de moradores.

Novos bairros operários populares vão surgindo e novas práticas sociais vão constituindo-se, assim emergem as dificuldades do dia-a-dia das fábricas, enquanto experiências compartilhadas por estes moradores, fazendo da cidade o local de disputas¹⁴. Com o aumento da distância entre moradia e o local de trabalho, a dependência de condução para chegar à empresa é grande. Assim, impressiona o número de ônibus nos estacionamentos das grandes fábricas nos horários de troca de turno. Com a emergência das greves de operários em São José dos Campos, a partir de fins da década de 70 e início da década de 80, uma das estratégias da patronal era o corte das linhas de ônibus para dificultar a organização dos trabalhadores junto às empresas. Os trabalhadores, então, criam outras estratégias e começam a organizar-se nos bairros. As novas práticas são principalmente a realização de assembleias nos bairros e a organização conjunta com as Sociedades Amigos do Bairro (SAB) para manutenção de Fundo de Greve.

¹² A coluna do ‘Dito Bronca’ trata-se de um espaço no Jornal editado pelo Sindicato dos Metalúrgicos onde são publicadas reclamações sobre o dia-a-dia dos trabalhadores nas fábricas. Assim, através, desta coluna vemos emergir relações vividas por metalúrgicos com a chefia, com os colegas de trabalho, a situação do refeitório, salário, ônibus da empresa, etc.

¹³ Jornal “O metalúrgico”. Ano VII. nº 58/ 11 a 18 de julho de 1989.

¹⁴ Para além dos portões da fábrica, a cidade emerge como o lugar da luta. Em seu livro *Era uma vez São Bernardo*, a historiadora Kátia Paranhos ressalta as falas de trabalhadores nas assembleias em fins da década de 70 e início de 80, como “Sindicato não é o prédio, mas sindicato é trabalhador dentro da fábrica, é o trabalhador na praça”. p. 181.

Nas relações que trabalhadores metalúrgicos constituem para a disputa pelo trabalho¹⁵, novos significados vão sendo atribuídos à cidade. Com o desenvolvimento do processo de industrialização em São José dos Campos, as disputas por diferentes projetos para a cidade vão tornando-se mais latentes. Há um encarecimento do preço do aluguel nos bairros mais centrais da cidade (que se valorizam economicamente com o desenvolvimento do comércio) e, assim, muitos moradores têm que se deslocar para bairros mais periféricos ainda sem infra-estrutura. Grandes avenidas são construídas, rotas de ônibus alteradas, espaços na cidade vão ganhando e perdendo “importância” econômica. A construção da Via Dutra faz ressaltar essa reorganização na cidade, pois muitas indústrias - principalmente as maiores - vão instalar-se ao longo da rodovia. Assim, a cidade passa a crescer para além do espaço da Dutra. Novas demandas vão surgindo como a necessidade de saneamento básico, iluminação, transporte coletivo, postos de saúde e segurança. Ao mesmo tempo forma-se na cidade uma estrutura de hotéis e condomínios fechados para atender aos executivos dessas indústrias que se instalam na cidade. Além das reivindicações por aumento salarial, organização de comitês de fábricas, fim das horas-extras, metalúrgicos passam a disputar projetos para a cidade de São José dos Campos, que vai mudando e formando-se neste embate. Enfim o lugar da luta e da disputa não é só a fábrica.

e deu muito certo, foi uma inovação né, foi uma criatividade daquele momento lá, daquele sufoco lá, tamo perdido não, ai deram a volta e foram fazer isso e deu muito certo né porque eu cheguei a acompanhar em dois bairros quando eles foram e juntava muita gente, o pessoal saía mesmo nas ruas e vinha, parecia que tava chamando pra uma quermesse, sabe bairro de cidade pequena que você vê assim né, hoje tem depois da missa tem festa né e você vai ver todo mundo ____¹⁶ e ali também, um dos bairros que a gente fez chamava, chama Jardim Morumbi, um bairro bem populoso e bem classe operária mesmo, todo mundo ali, um bairro periférico da classe trabalhadora né então ali todo mundo é de indústria, operário e ali foi uma das que eu participei e que deu grande movimento, foi uma assembléia como se estivesse chamando os trabalhadores na porta da fábrica¹⁷

¹⁵ Essas disputas em geral são por aumentos salariais e melhores condições de trabalho, como a redução da jornada de trabalho, melhor alimentação e transporte, além de outras reivindicações sociais. No início da década de 80, ocorreram várias greves cuja principal reivindicação era a liberdade de organização dos operários no local de trabalho e a formação de comissões de fábrica.

¹⁶ Os traços longos que ponho nas transcrições das entrevistas indicam alguma palavra ou frase inaudível.

¹⁷ Entrevista concedida por Marilena Trevisan, esposa de Ivan Trevisan, trabalhador na Philips. Marilena é de São José dos Campos. Atualmente é advogada. Entrevista realizada em 20 de setembro de 2005 na sede do sindicato dos metalúrgicos em São José dos Campos.

As assembléias de bairro constituíram-se enquanto estratégia forjada por trabalhadores metalúrgicos para manter uma via de comunicação durante as greves, para organizar a luta, repassar informes do andamento das negociações e combinar entre si as próximas atividades do movimento grevista.

Em entrevista concedida no dia 8 de maio de 1985 ao jornal “Vale Paraibano”, o presidente do sindicato José Luís falou:

Os metalúrgicos sempre foram responsáveis por grande parte do movimento do comércio de S.J.C. Nós gastamos aqui e sempre incentivamos esse ramo. Agora, precisamos da compreensão dos comerciantes para o nosso movimento. Não somos caloteiros, todas as dívidas contraídas serão pagas

No dia 9 de maio de 1985, o jornal “Vale Paraibano” também noticiava:

No último sábado foi realizado uma (quermesse) no Bosque dos Eucaliptos, com barraquinhas emprestadas pela igreja do bairro, e tocadas pelos próprios grevistas. Sábado agora haverá outra quermesse com o mesmo esquema: todo produto comercializado será feito pelos grevistas. Para tanto, eles contam ainda com o apoio de algumas Sociedades Amigos do Bairro, como do Jardim Copacabana, Motorama, Jardim Paulista e Residencial Tatetuba

Nestes dois trechos de matéria do jornal “Vale Paraibano”, vemos que para além dos portões da fábrica, outras atividades eram desenvolvidas na cidade. O pedido feito pelo presidente do sindicato aos comerciantes indica outras estratégias criadas para a sobrevivência destes trabalhadores num período prolongado de greve, neste caso o fiado, a “anotação na caderneta”. As quermesses e outras atividades desenvolvidas nos bairros (inclusive coleta de alimentos para o fundo de greve) faz emergir as experiências compartilhadas, afinal estas atividades eram desenvolvidas em bairros operários, onde o número de metalúrgicos era grande. Assim, os questionamentos que emergiam destas greves eram compartilhados nas vivências de trabalhadores de outras fábricas, o que potencializava a rede de solidariedade construída.

As experiências dos trabalhadores marcavam territórios, determinavam a geografia da cidade no período, sendo trabalho e cidade parte de um mesmo enredo das vivências de trabalhadores metalúrgicos em São José dos Campos.

Em 1979, metalúrgicos de São José dos Campos e de outras cidades do estado de São Paulo (como Santos e São Bernardo do Campo) protagonizaram uma “greve geral

metalúrgica”. Esta greve fazia parte das atividades da campanha salarial da categoria naquele ano. Como o sindicato dos metalúrgicos não tinha salão de assembleias na época, estas eram feitas no salão do sindicato dos têxteis. Porém, como a diretoria do sindicato dos metalúrgicos era contra a greve, os diretores do sindicato dos têxteis proibiram que as atividades de mobilização se desenvolvessem em seus salões. Os trabalhadores criaram, então, várias estratégias para manterem-se unidos, como passeatas ao centro da cidade e a exigência para que o prefeito cedesse novos espaços para as reuniões. O novo local foi a ‘Casa do Jovem’ no bairro de Santana, que passou a ser o lugar da organização, centro de difusão de informação e, inclusive, moradia de alguns operários durante o movimento. Vê-se, que os metalúrgicos, constituíam suas vivências e seus espaços não apenas nas fábricas, mas no seu sindicato e no sindicato de outras categorias, nos bairros, nas praças, em frente à Câmara Municipal e no gabinete do prefeito.

Porém, novas experiências começam a ser engendradas a partir do início de um processo de demissões nas grandes fábricas. Forja-se um discurso hegemônico que coloca a “culpa” da exclusão de trabalhadores do mercado neles próprios pela “falta de qualificação” e a necessidade das empresas competirem no mercado internacional. São tempos em que Homens começam a ser substituídos por máquinas. Se as experiências destes trabalhadores metalúrgicos indicam estratégias onde inclusive a demissão sem justa causa poderia ser bem vinda, pois significaria poder sacar o dinheiro do FGTS para comprar ou dar entrada em uma casa ou um carro e logo depois ingressar em uma outra empresa, as demissões que começam a ocorrer em fins da década de 80 e início de 90 passam a significar que o trabalhador poderia passar um longo período sem arrumar outro emprego, indicam uma situação que, às vezes, o próprio ofício de metalúrgico poderia ser abandonado para que se pudesse garantir a sobrevivência através de “bicos” como pedreiro ou vendedor ambulante. O desemprego passou a significar uma queda do padrão de vida dos trabalhadores. A cidade industrial, fonte das expectativas de emprego, começava a mudar.

As relações que estes trabalhadores vão constituindo com a cidade vão passando por várias mudanças. Há que citar a redução das compras no comércio, as viagens para o litoral, a procura por colégios públicos para os filhos que estudavam em escolas particulares, corte de gastos com roupas e alimentação. A chamada “flexibilização” dos direitos trabalhistas insere-se neste período com uma maior pressão para que trabalhadores metalúrgicos aceitassem redução da jornada de trabalho com redução de

salários em “troca” da manutenção de seus empregos e as terceirizações, que para estes trabalhadores significou empregar-se em empresas onde os benefícios pagos pelas grandes indústrias não existiam. Com o desemprego, muitos trabalhadores demitidos oriundos de outras regiões voltam para sua cidade natal.

Na EMBRAER eu era chapeador é como se fosse hoje um ajustador mecânico, é ligado à área da mecânica, lá eu fiquei três anos lá na EMBRAER, aí houve aquela crise de privatização da EMBRAER, o Collor tava no poder nessa época, época de 90, 92 e ele demitiu nada mais nada menos seis mil funcionários, então ele deixou seis mil pais de família desempregados e onde veio a calhar desemprego, abaixar renda, o nível social das pessoas em São José caiu muito, então atingiu até o comércio, o comércio caiu bastante

Na narrativa de Paulo César¹⁸ podemos perceber um processo de mudança que não passa apenas pela troca de nome do ofício de chapeador para ajustador mecânico, mas revela o enredo das transformações na produção de mercadorias que extinguiu ofícios, alterou ritmos de trabalho e reduziu o número de empregos. Aparece de forma ambígua, na narrativa deste trabalhador, a questão do desemprego que ele atribui à política de privatização de Fernando Collor de Mello. Porém ao significar a reestruturação da produção, Paulo César coloca

Uma mudança, um, um corte, né, e acabou que aqueles que era bem mais formado, tinha uma profissão, uma qualificação, e conseguiu ficar no mercado, entendeu? Aqueles que parô no tempo hoje tão aí correndo atrás, porque o importante hoje não é você ficar parado, importante você adquirir novos conhecimentos, então pra você ficar hoje em São José, pra você se manter no mercado de trabalho, você tem que ter novos conhecimentos

A política de privatização de estatais, iniciada pelo Governo Collor e potencializada no Governo de Fernando Henrique Cardoso, tem como face da mesma moeda a chamada “reestruturação da produção”. Essa política redefiniu atividades desenvolvidas nas empresas, formas de gestão e ritmos de trabalho, acarretando um desemprego muito forte que atingiu não só os trabalhadores metalúrgicos em São José dos Campos, mas várias categorias de trabalhadores brasileiros como bancários,

¹⁸ **Paulo César dos Santos** é de São José dos Campos. Começou trabalhando no comércio. Em metalurgia, trabalha há quinze anos, sendo dez anos na HITCLEFT (seu atual emprego), três anos na Embraer (de onde é demitido devido à reestruturação ocorrida após a privatização, que demite mais da metade dos trabalhadores) e em outras micro-empresas. É casado e tem dois filhos. Participa da CIPA. Entrevista realizada no dia 19 de setembro de 2005 em São José dos Campos durante o Festival dos Metalúrgicos.

petroleiros, entre outros. O medo do desemprego (por um período prolongado) começava a fazer parte da vida de trabalhadores.

O trabalhador metalúrgico construiu seu espaço em São José dos Campos através de relações sociais nas quais reconhecia-se e era reconhecido, porém estes tempos pareciam estar mudando...

Saí da Alpargatas e fui pra FIEL e depois, logo em seguida, eu entrei na GM, foi um feito, né? Trabalhar na GM seria uma coisa assim, era considerado GM e Embraer na época era, aliás, na época era considerado, até tinha, eu me lembro que as pessoas falavam aqui, na porta da Embraer, você andava com a carteirinha da Embraer no braço, chegava na polícia e apresentava a carteirinha você era respeitado, era só apresentar a carteirinha. Naquela época, você apresentava a carteirinha da GM e Embraer era respeitado, que era uma das maiores fábricas, a GM principalmente, o salário era razoável. Não é que era aquilo, mas como operário você vivia...¹⁹.

O salário numa grande indústria metalúrgica geralmente possibilitava ao trabalhador ter casa e carro. O convênio médico das grandes empresas estendia-se à família do trabalhador incluindo os filhos até os dezoito anos.

Porém outras relações vão se constituindo, nas quais os metalúrgicos sentem-se, por vezes, excluídos. Essa exclusão, de relações sociais antes possíveis, é expressa nas narrativas orais destes trabalhadores através de um “sentir-se” mais explorado:

A diferença você conseguia, pelo menos quem tava aqui fora achava que você sendo metalúrgico, você podia conseguir realizar alguns sonhos, que era ter a casa própria, e era um fato que as coisas era mais em conta, a compra de um terreno era mais em conta, você tinha mais crédito, agora, hoje a situação que nós estamos vivendo, depois de tanta evolução, a exploração eu vejo mais ainda, a mão-de-obra tá sendo muito mais explorada e você entra numa fábrica hoje e você não consegue nem comprar uma casa, não consegue realizar os sonhos, porque a mão-de-obra nossa, hoje, é muito sucateada.

¹⁹ **Josias Melo**, nascido em Minas Gerais, chegou a São José dos Campos na década de sessenta. Trabalhou como metalúrgico desde esta época passando por várias fábricas como a antiga FI-EL, Eaton e Bundy. Trabalhou 24 anos na General Motors, onde se aposentou. Atualmente é diretor da Associação Democrática dos Metalúrgicos Aposentados. Tem dois filhos, um homem e uma mulher, sendo que o rapaz é metalúrgico. Entrevista realizada da sede da Associação Democrática de Metalúrgicos Aposentados no dia 23 de Julho de 2005.

Antônio Ladeira²⁰ interpreta esses tempos de mudanças que o levam à não realizar suas expectativas como fruto de uma intensificação do processo de exploração. Para este trabalhador o “aumento da exploração”, resulta na exclusão das relações sociais antes possíveis para os metalúrgicos. A “falta de crédito” significa que foram constituídos na cidade novos e diferentes modos de vida nas quais os metalúrgicos acabam por ser excluídos. Emerge um enredo onde o desemprego e o arrocho salarial faz com que a casa, o carro, enfim os desejos e sonhos de metalúrgicos façam cada vez menos parte da vida destes trabalhadores. É importante salientar que Ladeira ingressa na GM em 1985, portanto numa fase onde a o processo de reestruturação da produção é intensificado.

O modo de vida e trabalho de metalúrgicos começava a transformar-se rapidamente. As expectativas que motivaram homens e mulheres em fins da década de 70 a sair de suas cidades e ir para São José dos Campos em busca de um emprego numa grande fábrica de metalurgia, que lhes garantiria estabilidade, bens materiais (como a sonhada casa própria e um carro), o sustento dos filhos com dignidade e o reconhecimento social de ser trabalhador no principal ramo industrial da cidade começam a ser frustrados (em alguns momentos de forma mais abrupta, outras vezes paulatinamente). Vale salientar que trabalhadores, que começaram no ramo da metalurgia ainda durante a década de 70, chegaram a vivenciar um tempo onde o salário de metalúrgico era um dos pisos salariais mais altos da cidade. Ser metalúrgico, naquela época, significava ser socialmente reconhecido. Trabalhadores falam do crédito que lhes eram concedidos (em bancos, nos supermercados e mercearias) e no respeito da polícia. O metalúrgico da década de 70 e início de 80, podia projetar com certa estabilidade seu futuro.

Mas estes tempos pareciam estar mudando... A proibição da organização sindical, o controle sobre o tempo de trabalho do operário (que passou a ser proibido de ir ao banheiro e beber água, pois não tinha mais quem os substituíssem na linha de produção) e a impossibilidade até mesmo de conversar com outros trabalhadores compõem o enredo de início dessas mudanças.

Algumas broncas do ‘Dito’, nos ajudam a entender como este enredo foi se compondo até os anos noventa:

²⁰ **Antônio Ladeira** trabalhou como vendedor ambulante e garçom até que em 1985 foi trabalhar da General Motors, na linha de produção, como soldador. É casado e “diretor de base” do sindicato (não está afastado da fábrica para realização somente de atividades sindicais). Entrevista realizada no dia 29 de Julho em São José dos Campos.

Vai se dar mal

Na GM tem uma figurinha, o Cláudio, CT do 1º turno da Pinturinha do MVA, conhecido como Dondinha, que não deixa o peão participar da assembléia. Se participa, ele começa com pressão. Isso sem contar a puxa-saquisse com a GM. Fica esperto seu pelego. Você vai acabar mal!

Bisbilhoteiro

O supervisor Wander, do recebimento central do MVA da GM, gosta de impor regras e horários para os outros. Pra ele nada. Na tal Roda de Segurança, só a gente usa equipamento e tem de chegar cedinho para esperar o boneco. Tudo isso, sem contar que ele vai mais cedo pro banheiro pra espionar se alguém toma banho antes das 16:06. Tô de saco cheio com você cara. Vê se sai do nosso pé, chulé.

Mala sem alça

Na Metalúrgica Ipê, a coisa não tá fácil pro peão. Tem um engenheiro, o Maurício, que faz pressão pro pessoal fazer hora-extra e acelerar o ritmo de produção. Empurrar com a barriga também é com ele, como no caso da PLR. Eu tô na sua cola mané. Já não bastasse termos de agüentar a exploração da empresa, ainda temos que agüentar uma mala sem alça como você? Fica de olho.²¹

Percebemos, ao analisar as narrativas, que trabalhadores metalúrgicos denunciam: proibição de organização, maior controle do tempo de trabalho e aceleração do ritmo de produção, dimensões características da reestruturação da produção, mas que já ocorrem antes mesmo do período de recorte convencional trabalhado na historiografia.²²

Porém, os trabalhadores disputam esses tempos de mudanças, não sentem apenas seus reflexos.

O sociólogo Giovanni Alves analisa que as características atuais do sindicalismo brasileiro passam pela “cooperação conflitiva” onde apesar do conflito ser explicitado, haveria uma preocupação com a cooperação entre trabalho assalariado e capital. Tem-se, deste modo, uma nova “práxis sindical neocorporativa”, onde se privilegiariam ações do tipo câmaras setoriais tripartites, negociações setoriais por empresa, etc...

Consideramos que o fundamento ontológico do sindicalismo neocorporativo é o novo complexo de reestruturação produtiva que atinge o mundo do trabalho e cujo ‘momento predominante’ é o toyotismo. Ele – o toyotismo – representa a nova prática (e ideologia) do espírito capitalista na produção, cujo traço principal é a elevação da

²¹ Todas essas três “brincas do Dito” foram publicadas no jornal : “O Metalúrgico”, n° 465, 04 a 10 de agosto de 1999, p. 04.

²² Esse período convencional seria de fins da década de 80 perdurando até os dias atuais.

fragmentação da classe e a criação de dispositivos organizacionais de novo tipo voltados para a captura da subjetividade do trabalho. O sindicalismo neocorporativo tende a ser o tipo de prática sindical adequada à nova etapa da acumulação capitalista (caracterizada por uma crise estrutural de sobrecapacidade e de superprodução e sob a predominância do capital financeiro)(ALVES, 2001:49).

A base para a mudança de perfil do sindicalismo brasileiro estaria na atual etapa de desenvolvimento do capital (e da produção de mercadorias) – o toyotismo. Porém, há várias dimensões que compõem esta questão. Neste sentido, não podemos deixar de analisar as disputas que ocorrem inclusive para a consolidação da chamada reestruturação da produção, que não se dá da mesma maneira em nível mundial, no Brasil ou sequer se compararmos fábrica a fábrica. O just-in-time, através da redução brusca de estoques, facilitou a negociação de novas lutas que surgiram por tirar parte do fôlego da patronal²³. A organização da produção em cadeias globalizadas, que compreendem fábricas espalhadas em diversos países ou estados dentro de um mesmo país, é outro fator que coloca um novo patamar de construção da solidariedade entre trabalhadores. Em 2003, uma greve de metalúrgicos da GM em São José dos Campos paralisou parcialmente a produção no sul do Brasil.

Não se pode deixar de considerar os impactos que a reestruturação da produção causa aos movimentos sociais, principalmente operário. Ocorreu uma série de mudanças tanto na forma de produção de mercadorias, como de gestão de pessoal e organização nas fábricas e também de disputa de uma série de valores engendrados pelo neoliberalismo como o individualismo, a idéia do esforço pessoal/individual (em contraste com o coletivo) e o “salve-se quem puder”. Porém, afirmar que estas transformações levam *necessariamente* ao arrefecimento das lutas pode levar as pesquisas sociais a outros patamares de homogeneização. Aqui, discutimos a questão do campo de possibilidades na História. Uma conjuntura, um momento histórico de uma dada estrutura econômica (no caso em questão, a “reestruturação da produção”), podem colocar o enfraquecimento das lutas como uma das possibilidades de ocorrência, *mas não necessariamente*. Não se pode sublimar que ocorram disputas mesmo em momentos históricos onde pensamos estar numa correlação de forças desfavorável em relação aos projetos do capital. A dinâmica social baseia-se na contradição e na diferença. Na realização da pesquisa, observar o social coloca-nos diferentes caminhos

²³ A existência de grandes estoques nas fábricas possibilitavam um “fôlego” para a patronal em épocas de greves mais prolongadas, pois estes permitiam as fábricas continuarem a abastecer o mercado.

tomados por diferentes sujeitos. A teoria nasce, deste modo, do diálogo com essas evidências, que muitas vezes apresentam-se de maneira contraditória, mas não são, pois não podemos pensar o real como uma soma de individualidades (ou de experiências individuais), mas perceber como o real constitui-se nas diferenças.

quando vem a história de flexibilizar a jornada de trabalho, chamado banco de horas, nós fomos um pólo de resistência, resistimos, resistimos, resistimos, resistimos até hoje, aqui não entrou, banco de horas aqui na região não entrou e ai fomos somar com Campinas, Limeira, vários companheiros também tá... junto com a gente e efetivamente não entrou e eles diziam toda a polêmica com a articulação nessa época, eles diziam que nós tínhamos que tá por dentro, que nós tamos perdendo, vamos perder tudo, nós não tínhamos condição de resistir, nós temos que tá, temos que ajudar, as nossas fábricas vão embora, vão fechar, vão acabar com as fábricas, aquele terrorismo de sempre, mas nós não concordamos e conseguimos reduzir, **resistimos muito à terceirização no que deu, fomos resistindo, resistindo, nunca fizemos acordo de terceirização, nunca__ tem algumas por ai, por causa da lei, mas a terceirização na atividade fim, nós não permitimos nunca, nunca teve na atividade fim não houve terceirização, nunca, quando tem a gente pega e luta contra e acaba e até hoje é assim e vai ficando neste estica e puxa a vida inteira, mas só que nós sofremos bastante com o negócio da terceirização, vai mudando, emprego temporário muitas vezes é uma batalha constante**, e eles não conseguiram reestruturar, novas tecnologias, e tal e tal e os trabalhadores, aqui é um dos últimos parques aonde eles não conseguiram implantar tudo isso, então isso vem, os trabalhadores aqui eles tem muita resistência, os trabalhadores aqui né, pra vir a reestruturação produtiva **não que ela não tenha acontecido, ela foi acontecendo mas uma coisa paulatina aqui, foi mais devagar e tem muita coisa que eles não conseguiram ainda, todas as história que eles tentavam de ganhar os trabalhadores e time e montar os times de trabalho, células, isso eles tiveram muita dificuldades, algumas fábricas deram mais certo, outras não deram certo e isso contenta né, a gente foi conseguindo esse combate ai, fizeram reestruturação, mas dentro dessa dificuldade...**²⁴

Esta fala é significativa, pois dela emerge a idéia de movimento/dinâmica da implementação da reestruturação produtiva, da disputa de projetos entre as empresas e os trabalhadores e as múltiplas concepções que existem no seio do próprio movimento sobre o tema ora analisado.

²⁴ Entrevista com **Antônio Donizete Ferreira (Toninho)**. Veio aos 19 anos de Minas Gerais para São José dos Campos e morou na casa de amigos, também mineiros, que tinham vindo anteriormente. Vai trabalhar na GM em 1977 no armazém de peças no período noturno. É demitido por participar da comissão organizadora da greve estadual de metalúrgicos em 1979. Entra na EMBRAER. Participa da composição da chapa de oposição no sindicato. Participa de três gestões da diretoria, sendo duas como presidente. Forma-se em advocacia. Entrevista realizada no dia 17 de setembro de 2005 em São José dos Campos.

Toninho percebe a introdução de novas tecnologias e modos de gerenciamento através de mudanças paulatinas, disputadas fábrica a fábrica. A fala é, por vezes, ambígua ao afirmar que em São José dos Campos alguma característica desta “reestruturação” não foi implementada, e mais na frente afirma que foi, mas não do jeito e nem na rapidez que os patrões queriam. Enfim, perceber a “reestruturação produtiva”, enquanto um processo e não como um “fenômeno” que surge no início dos anos 90, engendra a percepção da disputa de projetos deste momento histórico. A “reestruturação” não induz, necessariamente, ao arrefecimento de lutas e a apostasia de sujeitos sociais. Através da análise das narrativas orais produzidas no decorrer desta pesquisa, emergiram as várias interpretações, possibilidades e opções consideradas e vividas por trabalhadores metalúrgicos enquanto sujeitos de ações sociais.

Mas quais são esses projetos em disputa para a implementação da reestruturação produtiva?

O novo modo de gerir as empresas (preconizado por seus acionistas, por especialistas a seu serviço e estimulado, divulgado e difundido pelos meios de comunicação) sugere um novo perfil de trabalhador, multifuncional, que saiba operar várias máquinas, estimula a competitividade entre trabalhadores, aumenta o ritmo de trabalho²⁵, introduz as ‘câmaras setoriais’²⁶, terceiriza setores inteiros de produção, sustenta um controle mais rígido do horário de trabalho do operário, introduz novas máquinas (que levam à diminuição de postos de trabalho²⁷), engendram novos contratos de trabalho (como o temporário), banco de horas, subterfúgios para mascarar o arrocho salarial como as PLRs (Participação nos Lucros e Resultados das empresas), entre outras medidas.

²⁵ No Japão, surgiu uma nova doença, típica destes tempos de reestruturação da produção chamada *Karoshi*, que designa morte súbita por sobrecarga de trabalho.

²⁶As Câmaras Setoriais foram concebidas como modelo para reestruturar o parque produtivo e aumentar empregos. São formadas por representantes do governo, das fábricas e dos trabalhadores. São apresentadas enquanto espaços democráticos, onde todos os sujeitos têm voz e voto e se procura soluções, para os diversos problemas, que contentem a todos. “... depois de várias experiências resultaram num grande fracasso, contabilizando enormes perdas de postos de trabalho, como se pode constatar no caso da “Câmara Setorial” do ramo automobilístico do ABC paulista. Isso sem falar no significado político e ideológico desta postura, que levou o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo inclusive a concordar com a proposta de uma menor tributação ao capital vinculado à indústria automobilística e a defendê-la, como forma de dinamizar a indústria automotiva e com isso preservar empregos”.(ANTUNES, 2002: 241).

²⁷ A questão da introdução de novas tecnologias deve estar pautada pelo momento histórico na qual ela é produzida. É lógico que toda a máquina que livre o Homem de um trabalho estafante em si mesma não é ruim (como por exemplo as ceifadeiras de cana-de-açúcar ou de máquinas introduzidas no próprio ofício metalúrgico), porém, atualmente, sob a égide do capitalismo, a introdução de novas tecnologias na produção estimula o aumento de lucros por um lado e o desemprego por outro.

A questão da reestruturação da produção nas fábricas além de alterar ritmos de trabalho e exigir novos saberes, engendra alterações do modo de vida de trabalhadores metalúrgicos. Estas mudanças são sentidas e significadas através de novas formas de organização dos trabalhadores nas fábricas. Essas novas formas de organização são disputadas pelos sujeitos sociais:

Ginástica tem hora!

Na Philips agora é lei: Peão tem que fazer ginástica. Até que não seria mau negócio, mas a empresa está obrigando o trabalhador a perder o tempo de descanso e café para fazer a bendita ginástica. A chiadeira é geral na Philips. Fazer o peão pular miudinho é gostoso, né! Só que o peão não vai entrar nessa, não.²⁸

A disputa, que emerge desta bronca do Dito, vai muito além da obrigação de se fazer ou não ginástica. A disputa está sendo travada pelo controle do tempo de trabalho na fábrica. A questão da ginástica laboral começou a ser discutida em tempos de reestruturação produtiva como uma forma de diminuir o stress do funcionário trazendo como consequência para a empresa um aumento da produtividade. Muitos estudos científicos versam sobre o tema e atestam que realmente onde a ginástica foi implantada obteve-se uma “melhoria” no ambiente de trabalho.

Então porque metalúrgicos estão expressando-se contrários à ginástica na coluna Dito Bronca se ela realmente traz benefícios no desenvolvimento do ofício dos funcionários?

O que se pode observar claramente na bronca que a questão crucial é o tempo de trabalho. Já se discutiu que uma das características da reestruturação da produção foi justamente o aumento do controle sobre o “tempo livre” do trabalhador (café, banheiro, água...) e o aumento do ritmo de trabalho. Nesse sentido, a ginástica não foi implementada no horário de trabalho do metalúrgico, mas bem no tempo de descanso e café, que são fundamentais para a socialização destes trabalhadores, inclusive muitas greves e mobilizações começaram a ser organizadas justamente nesses “intervalos”. Assim, emerge da bronca uma evidência da disputa que envolveu as transformações dos modos de vida e trabalho de metalúrgicos em tempos de reestruturação produtiva na cidade de São José dos Campos.

²⁸ Coluna Dito Bronca. Ano XV. N° 399. 21 a 27 de janeiro de 1998.

Além dessas mudanças analisadas, outra dimensão deste processo de reestruturação é a disputa de valores e de significados destas transformações, engendrados por novas práticas sociais.

Essa disputa de valores é importante nestes tempos de reestruturação da produção, inclusive para sua eficaz legitimação. Valores tais como o individualismo, a competição entre funcionários e o “self-made man”²⁹ tentam quebrar a coletividade construída e vivenciada pelos trabalhadores. O individualismo e a competição são possibilidades abertas e estimuladas nestes tempos de reestruturação da produção, mas, de nenhum modo, são as únicas vias a serem adotadas por trabalhadores. Neste sentido, não se pode vaticinar o fim de ações sindicais mais radicais (como greves e ocupações) e nem o fim dos sindicatos como querem alguns autores. A disputa de valores e significados é engendrada dentro de um campo de forças específico, historicamente referenciado por práticas sociais que vão surgindo e por isso vivido dentro de um processo.

Com o processo de industrialização e urbanização da cidade, trabalhadores migrantes vindos de Minas Gerais, da própria cidade de SJC e de outras cidades pequenas da região do Vale do Paraíba tinham grandes expectativas com o setor metalúrgico. Esta expectativa era referenciada no modo de vida destes trabalhadores: piso salarial elevado (em comparação a outros segmentos na cidade), convênio médico das indústrias para o trabalhador e sua família, remédios na farmácia do sindicato, clubes das fábricas, estabilidade, etc...

Porém, este tempo parecia estar mudando e trabalhadores reuniram-se e organizaram-se para disputar essas transformações. Assim grandes lutas como greves, paralisações e passeatas começaram a fazer parte do dia-a-dia da cidade. No interior das fábricas, esta luta também era travada pelo controle do tempo de trabalho, pelo horário do café, da água, do descanso, de conversar em baixo da árvore, pelo respeito da chefia entre outras reivindicações. Assim, trabalhadores metalúrgicos continuam construindo o enredo de suas vidas e fazendo as suas histórias.

²⁹ Expressão que quer dizer “homem feito por si mesmo”. O individualismo é um dos valores mais exaltados nestes tempos de reestruturação da produção.

Bibliografia

- ALVES, Giovanni. **Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo**. Tese de Doutorado. IFCH/Unicamp. Campinas.
_____. **O novo e precário mundo do Trabalho**.
_____. **Toyotismo e Neocorporativismo no sindicalismo no século XXI**. IN: Revista Outubro. n° 5. 2001.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 5ª Edição. São Paulo: Editora Boitempo. 2002.
_____. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. 2ª Edição. São Paulo: Editora Cortez, 1995.
- FENELON, Déa Ribeiro. **O Historiador e a cultura popular**: História de classe ou história do povo? In: História e Perspectiva, Uberlândia, 6-5-23. Jan/Jun. 1992.
- FENELON, Déa Ribeiro; Maciel, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto; KHOURY, Yara Aun (orgs). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. Editora Olho D'água. São Paulo. 2004.
- PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos**. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: Revista Tempo. Universidade Federal Fluminense. Vol. 1. n° 2. Dez. 1996 - Rio de Janeiro.
- SADER, Eder. **Quando os novos personagens entram em cena: experiência e luta dos trabalhadores da Grande São Paulo - 1970-1980**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988.
- SALES, Telma Bessa. **Experiências de João ferrador em tempos de reestruturação produtiva: VW Anchieta - SBC**. Dissertação de Mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC. 2000.
- THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987. 3 volumes.

Artigo recebido em 26/02/2007 – Artigo aceito em 28/07/2007.